



**MOSTRA DO
CONHECIMENTO**
DO COLÉGIO SÃO LUÍS

A MEDICALIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR

Rodrigo Angeles Buissa

PROF. ME. JOSÉ RICHARDSON MATIELLO

RESUMO

O trabalho investiga a medicalização de crianças e adolescentes no ambiente escolar, mostrando como o uso de medicamentos psicotrópicos, como o metilfenidato e a fluoxetina, tem aumentado nos últimos anos. A pesquisa foi feita a partir de leituras de autores e dados do CEBRID, além de questionários aplicados a alunos do ensino fundamental e médio. Os resultados mostram que a pressão por desempenho, o medo do fracasso e a falta de apoio emocional fazem com que o uso de remédios pareça a solução mais fácil. Isso acaba fortalecendo o poder da indústria farmacêutica e deixando de lado o cuidado psicológico e pedagógico. Conclui-se que a medicalização é um problema coletivo, que deve ser debatido por escolas, famílias e profissionais de saúde, e não tratada apenas como algo individual.

INTRODUÇÃO

A medicalização escolar tem aumentado com o crescimento dos diagnósticos de TDAH e ansiedade. Questões de atenção e comportamento são tratadas como doenças, levando ao uso de psicotrópicos. O estudo busca entender como escola, família e profissionais da saúde participam desse processo e quais impactos isso traz à vida dos estudantes.

OBJETIVOS

O trabalho tem como objetivo compreender como o ambiente escolar contribui para a medicalização de crianças e adolescentes, analisando os fatores que levam ao uso de medicamentos psicotrópicos. Busca também entender a percepção dos estudantes sobre saúde mental e TDAH, além de refletir sobre o papel da escola, da família e dos profissionais da saúde nesse processo.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por meio de leitura de artigos, livros e dados do CEBRID, além da aplicação de questionários a alunos do ensino fundamental e médio. O objetivo foi compreender as opiniões dos estudantes sobre saúde mental, TDAH e uso de medicamentos. As respostas foram organizadas em gráficos e comparadas com estudos já existentes sobre a medicalização escolar.

RESULTADOS

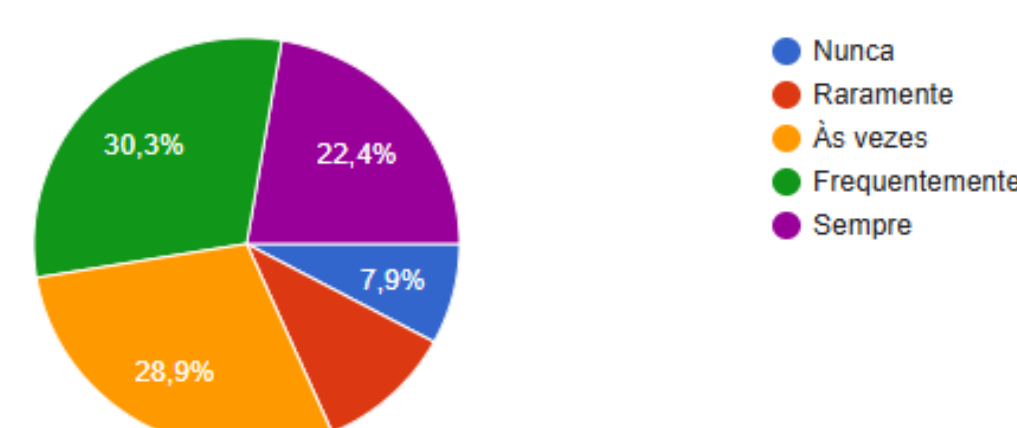
As pesquisas bibliográficas mostraram um aumento significativo no uso de psicotrópicos, como o metilfenidato e a fluoxetina, entre jovens. O CEBRID aponta que esse crescimento está ligado à pressão escolar e à busca por melhor desempenho, enquanto a indústria farmacêutica, com lucros de até 600% em 2008, se beneficia com a ampliação de diagnósticos e do consumo contínuo.

Nos questionários do ensino médio, a maioria dos alunos afirmou já ter ouvido falar sobre TDAH, mas poucos compreendem o transtorno. Parte acredita que os remédios ajudam no foco, enquanto outros alertam para riscos e dependência.

A comparação entre os autores e os dados dos estudantes demonstra que a medicalização se tornou uma resposta rápida a problemas pedagógicos e sociais, sustentada por um sistema escolar competitivo e por um mercado farmacêutico altamente lucrativo. Essa relação revela que a questão vai além da saúde: envolve interesses econômicos, práticas educacionais e o modo como a sociedade lida com o sofrimento psíquico juvenil.

A pressão escolar (provas, notas, desempenho) afeta sua saúde mental?

76 respostas



CONCLUSÃO

O trabalho mostrou que a medicalização de crianças e adolescentes vai muito além de um simples tratamento médico. Ela faz parte de um modelo de escola e de sociedade que cobra demais, valoriza resultados e quase nunca oferece apoio emocional ou escuta. As leituras e os dados do CEBRID mostraram que o uso de remédios como o metilfenidato e a fluoxetina cresce a cada ano, e que muitos comportamentos normais acabam sendo tratados como doenças.

Outro ponto importante é o papel da indústria farmacêutica, que lucra com o aumento dos diagnósticos e com o uso constante desses medicamentos, chegando a ter lucros de até 600%, segundo dados da Câmara dos Deputados. Isso mostra que a medicalização também envolve interesses econômicos e sociais, e não apenas a saúde dos estudantes.

Os questionários feitos com alunos do ensino médio mostraram que muitos sabem o que é o TDAH, mas ainda não entendem bem o tema, e que poucos recebem apoio psicológico na escola. Por isso, acabam acreditando que o remédio é a solução mais fácil.

Com tudo isso, fica claro que o problema da medicalização precisa ser discutido com mais seriedade. É preciso mudar o olhar da escola e da sociedade, dando mais espaço para o diálogo, o cuidado e o acolhimento. Assim, os estudantes podem ser vistos como pessoas que precisam ser compreendidas, e não apenas como alguém que precisa de um remédio pra se encaixar.

BIBLIOGRAFIA

CEBRID. *V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio*. São Paulo: UNIFESP, 2004.

Disponível em: <https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2012/10/VI-Levantamento-Nacional-sobre-o-Consumo-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-entre-Estudantes-do-Ensino-Fundamental-e-M%C3%A9dio-das-Redes-P%C3%BAblica-e-Privada-de-Ensino-nas-27-Capitais-Brasileiras.pdf>. Acesso em: 23/10/2025.

CONRAD, Peter. *The Medicalization of Society*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2007.

OLIVEIRA, Ana Cecília Petta. *Nação Tarja Preta*. São Paulo: Vestígio, 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Indústria farmacêutica tem lucro de 600%, diz instituto*. Agência Câmara de Notícias, 2008.

Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/116059-industria-farmaceutica-tem-lucro-de-600-diz-instituto>. Acesso em: 27/10/2025.



COLÉGIO
SÃO LUÍS



Rede Jesuíta
de Educação